

LINHAS EM MOVIMENTO:

CONSTRUINDO OLHARES PARA A ARTE TÊXTIL

Maitê Oltramari Bavaresco ¹

RESUMO

Rica em significados de expressão, seja cultural, artística ou até mesmo utilitária, a tecelagem vem em contraponto ao contexto tecnológico pelo qual somos bombardeados. Enquanto esta era se mostra extremamente visual, um vão se forma na escassez de sensações táteis. Este estudo procurou compreender de que modo a arte na dimensão têxtil pode contribuir com a necessidade artística expressiva de alunos do sétimo ano do Ensino Fundamental, na escola pública. Foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Jerônimo, da cidade de Veranópolis, RS, por meio de atividades voltadas para o ato de tecer, de maneira que os participantes pudessem refletir sobre as formas estéticas e literárias dos fios, originando suas próprias peças.

Palavras-chave: Arte, Tecelagem, Educação, Artes têxteis.

INTRODUÇÃO

Notando a necessidade educacional de oportunizar atividades artísticas na educação escolar, que visem a expressividade dos alunos, mantendo contato com linguagens da arte menos trabalhadas, elencou-se a seguinte temática para o projeto: “Linhas em movimento: construindo olhares para a arte têxtil”.

Sugeriu-se o uso da tecelagem para observar de que modo a arte, na dimensão têxtil, pode contribuir com a necessidade artística e expressiva, experimentando as formas estéticas e a ligação literária que carrega em sua história. Uma prática educativa do fazer artístico com olhar sensível na escola. Apoiando-se na literatura como linguagem conhecida da realidade dos alunos, a leitura pelo “outro lado da trama” foi construída e fruída, observando a interação da educação motora e estética proporcionadas.

Mesmo a tecelagem e a tapeçaria sendo algumas das mais antigas formas de linguagem, passadas de geração em geração, em diferentes localidades pelo mundo, o

¹ Graduada pelo curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade de Passo Fundo – UPF, professora de artes da Educação Básica na rede pública, maibavaresco@gmail.com;

apanhado histórico e artístico desta, passa por vezes a ser deixado de lado como linguagem da arte, devido ao fato de que por muito tempo, foi considerada como uma arte menor. É um objeto de estudo ainda pouco explorado no âmbito educacional, uma prática que envolve estética, motricidade e catarse.

No contato com a realidade da escola, foi observada a necessidade de desenvolver atividades desprendidas de superfícies bidimensionais. Desse modo propôs-se, por meio de projeto escolar, na disciplina de artes, uma possibilidade da arte têxtil na educação pública, utilizando conteúdos e atividades que permitissem apurar a visão do sensível, mediada pelas tramas, permitindo uma vivência estética, desconectada da beleza como requisito e voltada para as sensações e movimentações dos fios.

REFERENCIAL TEÓRICO

Encontrado nos bordados, costuras, tricôs, crochês ou na tecelagem, o entrelaçamento de fios é base para tudo que nosso imaginário estiver disposto a executar. Ainda hoje, no âmbito brasileiro poucos estudos apontam acerca desta arte, mas práticas e pesquisas artísticas ou acadêmicas têm sido uma esperança.

Compreendendo toda e qualquer imagem como um texto visual, passível de leitura, por mais necessário que se faça o domínio das técnicas para sua produção (como no caso da tapeçaria: urdume/urdidura e trama), é indispensável se ter em mente a experiência como um processo sensitivo.

Cada tecido é detentor de expressões formais e simbólicas, estão presentes particularidades do seu criador, o suor das mãos percorrendo os fios, a escolha das cores, texturas, formatos, até os improvisos e substituições que se apresentaram no caminho. Mas tecer é também um vislumbre de influências externas, Secco (2017, p. 22) confirma isto quando diz que “[...] verá nascer diante de seus olhos uma imagem muito diferente da imaginada e que talvez, também precisará ser interpretada para sua aceitação ou rejeição.”.

A importância de se ter então, uma leitura pós criação, é um ponto valioso. Nesta podemos entender o processo, aceitar o resultado como sendo uma expressão particular, de algo muitas vezes implícito ou inconsciente.

Falar sem palavras. Falar a si mesmo, ao outro. Arte, linguagem não verbal de força estranha que ousa, se aventura a tocar assuntos que podem ser muitos, vários, infinitos, do mundo das coisas e das gentes. [...] Tecer é por si mesmo um ato sensorial. A tapeçaria, por mais que exista um projeto anterior, é feita, criada ou construída no ato de tecer, que articula devaneios poéticos carregados de imagens retiradas das possibilidades e impossibilidades oferecidas pelo material, além das alternativas técnicas na criação de jogos visuais. (TINOCO, 2005, p. 2-7)

A tecelagem com movimento, por não usar pente, foi a técnica escolhida neste projeto, os contornos irregulares moldam-se de acordo com a vontade do tecelão. Os materiais se mesclam e formam contrastes palpáveis, uma prosa visual, sensorial e imaginativa. Está nessa gama rica de sensações, um dos principais sentidos da tecelagem: despertar para si, deixando-se sentir pela arte, da mesma forma que sente a ela.

Encontramos tessituras nas mais diversas culturas, mulheres tecendo são relatadas desde 2220 a.C., mas há evidência de têxteis datados em mais de 24 mil anos. Mitos e histórias tomam posse da significação do fio, podendo ser encontrado mesmo numa das maiores metáforas existenciais, a metáfora da criação “na qual o próprio Cosmos seria, primordialmente, concebido como um tecido em forma de rede infinita, onde tudo estaria interconectado através de uma tessitura invisível” (SECCO, 2017, p. 10).

Toda a criação parte de dar sentido a algo, daí surgem os personagens dotados de poderes, em que o fio tem uma conexão direta, responsável pela vida. Podemos citar as histórias de Aracne, Penélope, As Parcas, Rumpelstiltskin e tantos outros. No cenário brasileiro, chama atenção o conto “A moça Tecelã” de Marina Colasanti, uma história linda que narra a figura feminina como uma sonhadora, tecendo seus dias.

O tear, com fusos e rocas, sempre permeia histórias da infância, prendendo as lembranças a um tempo de esperança, cheio de devaneios. Mas num exercício de “trazer” à realidade moderna, ainda assim encontraremos a mesma simbologia, na rede de conexões da era digital. Secco (2017, p. 90) reitera a internet, ou os diversos suportes de comunicação disponíveis, como produtores de uma teia sobre nosso cotidiano, o que comprovaria a essência arquetípica da repetição cíclica, fundamentando uma “relição com o outro e com o mundo”.

A base da tecelagem está na trama, que pode ser feita em tear manual ou mecânico, consistindo no cruzamento de duas estruturas de fios. São encontrados fios das mais diversas origens: juta, algodão, coco, bananeira, linho, lã, couro, seda, vidro, ouro, prata, cobre, alumínio, petróleo, entre outros, abrangendo fibras vegetais, animais, químicas e

sintéticas. Pode ter função utilitária, decorativa e artística, muitas vezes também como cópia próxima de pinturas.

No Brasil, a tecelagem ganhou maior destaque com os padres jesuítas, uma vez que chegaram da Europa já detendo o aprendizado das técnicas do tecer, adquiridas nos mosteiros. Durante o período colonial, o Brasil enfrentou dificuldades para entrar no mercado têxtil pois, Portugal e Inglaterra tinha um acordo comercial, chamado de Tratado de Methuen (também conhecido como Tratado de Panos e Vinhos), que durou de 1703 a 1836, no qual Portugal abria sua economia aos produtos britânicos enquanto a Inglaterra importava os vinhos portugueses (SECCO, 2017; LIVEIRA, 2008; BATISTA, 2014).

Com o alvará de Dona Maria I em 1785, onde as indústrias só poderiam produzir roupas para escravos e sacos de embalagens, houve um declínio na produção. O alvará foi revogado em 1808 por Dom João VI e fez com que então os produtos manufaturados ingleses chegassem ao Brasil (que era colônia portuguesa), porém possuindo alto custo, tornando-se viável somente à população com maior poder aquisitivo. Devido a esses fatos, a indústria têxtil no país teve um retardo em seu desenvolvimento (SECCO, 2017; LIVEIRA, 2008; BATISTA, 2014).

Já durante o movimento modernista, a percepção dessa arte menor foi alterada, lançando um olhar atento à cultura e quebrando com o regramento técnico acadêmico. Destacam-se Regina Graz [1897-1973], Genaro de Carvalho [1926-1971], Jacques Douchez [1921-2012], Norberto Nicola [1930-2007], Maria Thereza Camargo [1928], Roberto Burle Marx [1909- 1994], entre outros. A tapeçaria, por incentivo da escola de Bauhaus, se desenvolveu bastante após 1900 (SECCO, 2017).

Uma evolução da técnica também foi nítida nas civilizações andinas, como por exemplo, os povos incas com a precisão e firmeza, utilizando diversas variações de fios. Cáurio (1985, p. 16) confirma que os incas “[...] em elevado grau de elaboração cultural, [...] primaram pelo requinte de sua tecelagem. No império incaico a tapeçaria havia atingido níveis inigualáveis de perfeição e fineza de feitura, abordando uma extensa variedade de fios e fibras.” e essa tradição, perpetua até os dias de hoje em diversos cenários pelo Chile, Bolívia e Peru.

Interações se firmam ao longo dos tempos, tendo em um simples objeto como o fio, valor de vida, de tempo, de finitude ou de conexão perpétua. Metáforas que se repetem e enchem de sentido a experiência de poder usar deste elemento, como criador de uma produção, de uma história própria.

A estética das obras de Hilda Sandtner, especialmente das peças encontradas em seu livro “Tecelagem e Tapeçaria” (1979), que traz a técnica de tecelagem com movimento, usada na prática deste projeto, se encontram com os pensamentos de Arthur Danto, em prol de uma visão mais significativa acerca do que é considerado belo e quais os elementos que induzem essa percepção.

A beleza e o gosto sempre estiveram ligados com a arte, muitas vezes sendo referência para a experiência estética, “Danto afirma a universalidade da beleza, concordando com a tese kantiana da beleza como sendo subjetiva, porém universal.” (DANTO, 2006^a, p. 32-3 apud COSTA, 2018, p. 258), sugerindo que se a arte não estiver ligada com a beleza não estará, portanto, ligada com a estética.

Deve-se ter cuidado, para que uma das características que, todavia não é e nem nunca foi obrigatória, seja usada como definição e critério avaliador. Costa quando escreve sobre os pensamentos do filósofo, confirma a concepção de Secco (2017), sobre o fazer artístico da tecelagem:

Uma imagem pode incorporar uma ideia inteira, e ao fazê-lo torná-la mais completa e complexa que a própria ideia. “Uma obra de arte é um significado incorporado, e o significado é tão intrinsecamente relacionado ao objeto material quanto a alma é ao corpo”. (DANTO, 2013, p. 66-125 apud COSTA, 2018, p. 261)

Quando a beleza se torna o foco da apreciação, pode-se pecar deixando para trás o “verdadeiro significado” da elaboração, e as demais essências visuais, táteis, auditivas, etc. A arte tem essa capacidade de abranger diversas formas de conexão para com os apreciadores

[...] portanto, a beleza interna, para ser parte da obra de arte, deve estar incorporada em seu significado. [...] Já a beleza externa [...] quando não intencional, pode atrapalhar a experiência com a obra ao desviar a atenção de sua incorporação para a afetação natural da sensibilidade. (COSTA, 2018, p. 261).

O que é possível sintetizar sobre Danto é que, se tratando de estética em filosofia da arte, crê que as obras são em maioria feitas para o significado e não para a experiência estética (COSTA, 2018). Neste sentido, a proposta pedagógica desenvolvida com foco na linguagem da tecelagem, tem como premissa o desprendimento da beleza como

obrigatoriedade estética, fundamentando na arte moderna, uma expressão mais livre e voltada ao fazer.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dando introdução à tapeçaria, esquematizou-se um breve resumo histórico da arte, apresentando os povos precursores, a evolução das tramas (como por exemplo, na região andina), assim como os principais nomes de artistas tecelões. Conheceu-se então os tipos de fibras: animais, artificiais, sintéticas, vegetais e as consideradas novas fibras (borracha, madeira, couro, plástico e papel).

Após esse processo, realizaram-se as produções têxteis em sala de aula, partindo de um suporte de papelão reutilizado e fios diversos, experimentando a tecelagem na prática e oportunizando o desenvolvimento de cada aluno, suas evoluções e os ganhos estético-sensoriais. Estas produções foram socializadas em um momento de apreciação, o aluno chamado apresentava a peça iniciando pelo nome que tinha escolhido para ela, depois os materiais usados e também suas percepções pessoais acerca da experiência.

Para esse relato foram selecionadas 9 peças, de forma aleatória, identificando cada aluno por um nome de tecido. No total, produziram-se 46 tapeçarias, sendo 24 referentes à turma 7º ano A, e 22 à turma 7º ano B. A seguir podemos ver o resultado das produções com breve descrição, a paciência e a calma foram necessárias, sentidas e externadas pelos alunos durante o processo.

Imagem 01 – Jasmin



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

A aluna Organza falou sobre sua peça de nome “Jasmin”, feita com lãs nas cores rosa e bordo (Imagem 01). Os próprios colegas questionaram o porquê do nome, mas ela

alegou que não sabia explicar, porém uma colega lembrou muito das flores, sua delicadeza e as cores.

Imagem 02 – Raio de Sol



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

Feito de forma monocromática, com fio sintético, “Raio de Sol” (Imagem 02) do aluno Gabardine surpreendeu a todos, pois quando retirou-a do suporte de papelão notou alguns fios soltos, que criaram um efeito bem simbólico na parte de baixo.

Imagem 03 – Impaciência



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

“Impaciência” foi o título escolhido pelo aluno Cetim, que utilizou um fio de lã com efeito degrade (do rosa ao laranja) e lã preta em seu trabalho (Imagem 03). Ao olhá-la, a turma notou o aspecto de artes africanas, suas vestimentas e cores, também associando com lava de vulcão. Segundo Cetim, o nome reflete a necessidade de manter a calma ao tecer, pois teve muita dificuldade de concluir o processo sem se dispersar.

Imagem 04 – Mimi



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

A expressão carinhosa “Mimi” foi escolhida para título da peça. Com lã azul escuro, tanto para a trama, quanto para a urdidura, Malha a construiu (Imagem 04). Na observação, uma aluna demonstrou sentir vontade de abraçar a peça, por ser muito fofa, o que remete à questão em Danto trata a arte com capacidade de abranger diversas formas de conexão para com os apreciadores (DANTO, 2006^a, apud COSTA, 2018).

Imagem 05 – WM



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

O aluno seguinte, tentou durante as aulas exercitar diversos pontos, no resultado optou por partes vazadas (Imagem 05). Microfibra deu-lhe o nome de “WM”, feito com lã de tom terroso trouxe aos colegas a sensação de movimento e natureza.

Imagem 06 – Peça do aluno Córdoba



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

O aluno Córdoba utilizou um efeito com fios de cores azuis, a construção desta peça foi muito bem feita, com uma trama regular, os colegas disseram que lembra a um cachecol, ou uma manta. No registro (Imagem 06), ela está ainda no suporte.

Imagem 07 – Peça do aluno Cashmere



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

Também usando fios de lã azuis, Cashmere fez sua peça (Imagem 07). As tonalidades azuladas foram frequentes nas produções, o que nos leva a refletir o fato que “Cada elemento gráfico é interpretado e lido como se fossem metáforas. As cores falam, bem como as formas, a harmonia, as linhas, cada parte e o todo.” (OKASAKI; KANAMARU, 2018, p.15).

Imagem 08 – Arte é vida!



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

A tapeçaria da aluna Crepe contou com um urdume de lã verde, e a trama passando pelo bege, rosa e cinza (Imagem 08). Ela relatou ter adorado a experiência e escolheu como nome para seu trabalho “Arte é vida!”.

Imagem 09 – Yena



Fonte: fotografia pertencente ao acervo particular, 2021

Flanela formou em sua peça a inicial de seu nome, fazendo uma analogia também ao título escolhido: “Yena”. A urdidura e parte da trama são compostas por uma lã mesclada, todas as cores permeiam os tons terrosos, quentes e neutros (com marrons, vermelhos e cinzas). Pode-se notar a dedicação com os pontos firmes e preenchimento da tapeçaria.

As produções revelaram a interação da arte como catarse no processo da sua construção. O meio tátil da tecelagem relacionou os pontos em uma sequência de “por cima, por baixo, por cima, por baixo” que resgatou memórias dos alunos, revelando gostos e ideias de belo.

Para Martins (1994, p. 95) “A linguagem verbal e visual travam diálogos intensos e imemoriais entre si e provocam outros textos entre seus autores e leitores.”, confirmando também as reflexões de Secco, que a arte têxtil possibilita “[...] compreensão e interpretação de expressões formais e simbólicas, materializadas através da linguagem visual em imagens” (SECCO, 2017, p. 13).

Essa interação teve grande importância “[...] pelas possibilidades cada vez maiores de diferentes linguagens iluminarem-se mutuamente, amplificando seus meios expressivos e suas leituras.” (MARTINS, 1994, p. 95), ligando-se aos dizeres de Danto, sobre interpretação do todo influenciada pelo individual.

Com o ato de verbalização da estética, teve-se uma visão rica acerca do sentido de cada escolha, do caminho que cada fio tomou. Além disto, os próprios alunos foram levados a um espectro de autoconhecimento de suas direções e de respeito pela dos colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta supriu o objetivo de que os alunos conhecessem alguns dos artistas que desenvolveram essa prática durante as carreiras (Em especial Hilda Sandtner, com a tecelagem em movimento, e os povos andinos, expoentes dessa arte), observando a importância desse contato para o crescimento técnico e pessoal. Assim, somando para a formação dos participantes, no aspecto estético das formas e texturas, artístico cultural da aprendizagem histórica e filosófica em conhecimento dos conceitos que os rodeiam.

Ao longo do processo, permitiu-se refletir acerca da prática educativa em arte por meio do tecer. Mapeando o ambiente de interação para oportunizar a expressão dos alunos, pelo autoconhecimento e troca de vivências individuais e coletivas. Uma interação sensível e não julgadora, a fim de ressaltar a conexão que a tecelagem é capaz de criar, através dos fios, suas cores e texturas.

Durante o percurso, os participantes foram desafiados a entrar no universo dos fios, construindo suas próprias peças. O planejamento envolvendo o estudo do tecer livre, com movimento (com sentido de observar a quem conta ou lê uma história) e guiados pela base das obras de artistas, que utilizaram essa arte como meio de interação e expressão, contribuiu para o campo da arte com os trabalhos desenvolvidos pelos participantes. Tornou-se possível observar a importância da leitura de imagens, por meio da tecelagem com movimento, vertente das artes não abordada com frequência.

Entendeu-se a arte como um percurso histórico, a ser vivenciado em suas diversas expressividades, dando independência para uma possibilidade de educação escolar prontamente realizada pelos alunos. A oportunidade do projeto permitiu compreender, por meio da arte têxtil, parte significativa do universo dos alunos. Fortes conexões surgiram e fluíram para todo o grupo, interligando a comunicação verbal, literária e artística.

REFERÊNCIAS

BATISTA, F. A. **Os tratados de Methuen de 1703: guerra, portos, panos e vinhos**. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Política Internacional, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/images/posgraduacao/pepi/dissertacoes/Dissertacao_Felipe_Alvarenga.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

CÁURIO, R. **Artêxtil no Brasil**: viagem ao mundo da tapeçaria. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

COSTA, R. ARTHUR DANTO E A EXPERIÊNCIA ESTÉTICA. **Kriterion**: Revista de Filosofia, [s.l.], v. 59, n. 139, p.255-269, jan. 2018. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/0100-512x2017n13913rc.lipe_Alvarenga.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LIVEIRA, C. B. **As relações comerciais entre Brasil e Inglaterra no início do século XIX**. In: II COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE O COMÉRCIO E A CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM, 2008, São Paulo. Disponível em: <http://www.labcom.fau.usp.br/wpcontent/uploads/2015/05/2_cincci/1009%20Bortolotti.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MARTINS, M. H. **O que é leitura?** 19. ed., São Paulo: Brasiliense, 1994. OKASAKI, A.; KANAMARU, A. T. Ensino da arte e desenvolvimento da leitura visual: uso da estamparia têxtil no ensino médio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p.1-23, 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201711162822>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v44/1517-9702-ep-S1678-4634201711162822.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SECCO, L. **Para além das tramas**: tecendo sentidos em imagens de tapeçarias artísticas. 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2017. Disponível em: <<http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/1194/2/2017LorileiSecco.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

TINOCO, E. F. **A tapeçaria de Norberto Nicola**. Instituto Arte na Escola, (Coord.) Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque. São Paulo: Instituto Arte na Escola, 2005. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/dvdteca/catalogo/dvd/80/>>. Acesso em: 29 mar. 2021.